



A *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG* recebeu, para este dossiê, artigos sobre a Inquisição, em especial sobre cristãos-novos, cripto-judeus e marranos na cultura judaica. Marcado pela ambiguidade, se equilibrando entre a identidade judaica e a cristã, o marrano permanecerá, de acordo com Ricardo Forster, em *A ficção marrana: uma antecipação das estéticas pós-modernas* (2006), como uma sombra ameaçadora, um pária que deveria ser amputado da sociedade, porque ele é um habitante das margens e leva a marca indelével da cisão. Por 300 anos, a Inquisição assombrou, com violência, tanto o império quanto suas colônias. Vários grupos, que poderiam ameaçar os preceitos católicos, foram perseguidos, presos, torturados e, muitas vezes, queimados em praças públicas. Mas se o Santo Ofício foi ao encalço daqueles que foram considerados hereges, como bruxas, sodomitas, bígamos, luteranos, mouriscos, eram os cripto-judeus a obsessão maior dos inquisidores. Milhares de marranos foram punidos ora com a excomunhão, ora com o uso do sambenito, ora com o exílio. Nos deploráveis cárceres do Santo Ofício ou nas crepitantes fogueiras, muitos pereceram. A Igreja também censurou e perseguiu autores e poetas que criticavam ou denunciavam seus excessos. Dentre as inúmeras vítimas desse tribunal, estão Bento Teixeira, Antônio Vieira, Antônio Serrão de Castro, Antônio José da Silva. Na contemporaneidade, escritores judeus e não judeus lançaram luz nesse período sombrio, como Moacyr Scliar, Dias Gomes, Bernardo Santareno, Richard Zimler, Marcos Aguinis, dentre outros. Se para Anita Novinsky, os cristãos-novos com suas contradições, sofrimentos e heresias abriram espaço para o Iluminismo, para Forster, são os embates com o sincretismo religioso e a fragmentação da identidade dos marranos que anteciparam as estéticas pós-modernas. Diante dessas reflexões, percebe-se o leque multidisciplinar deste dossiê, uma vez que, artigos que enfoquem o tema da Inquisição e dos cristãos-novos, além de problematizar uma cicatriz da cultura judaica, abrem espaços para diálogos com a literatura, a história, a antropologia, o cinema e o teatro. A edição também recebeu resenhas, contos, poemas, traduções e crônicas.

Gerson Roani, Kenia Pereira e Lyslei Nascimento
Editores